

Como se tornar Ninguém? O acontecimento de si, a língua e o encontro com a onomatopeia

How to become Nobody? The event of the self, language and the encounter with onomatopoeia

¿Cómo convertirse en un don nadie? El acontecimiento de uno mismo, el lenguaje y el encuentro con la onomatopeya

Júlia Maria Ferreira Leite¹

Marcos Vinícius Leite²

Resumo: O reverso da identidade é Ninguém. Paradoxo presente em Ulisses, afirmado por Narciso e enfrentado por Kafka. Rotulado em Babel. Presente aos povos originários nos modos outros de existir. Na tradição, figura Ninguém como um limite, fronteira do impossível da língua. Porém, como afirmar Ninguém para além do Quem, para além do Eu e suas vigências? A identidade como afirmação da tradição entonada na língua de um corpo que diz eu. Persistência de um alguém, como rosto para Ninguém. Por outro lado, as desconstruções na vigência do niilismo podem suscitar modos outros do devir e do acontecer. Trata-se de experimentar outras linguagens para tornar modos outros de existir. Tornar-se Ninguém como o diverso e múltiplo a dizer da língua-acontecimento. Transtornar o eu na conquista da onomatopeia!

Palavras-chave: Tornar-se o que se é; Formação; Sujeito.

Abstract: The reverse side of identity is Nobody. A paradox present in Ulysses, affirmed by Narcissus and faced by Kafka. Present to the original peoples in other ways of existing. In tradition, Nobody appears as a limit, the frontier of the impossible of language. However, how to affirm No One beyond the Who, beyond the Self and its validities? Identity as an affirmation of tradition intoned in the language of a body that says I. Persistence of a Someone, as a face for Nobody. On the other hand, deconstructions in the presence of nihilism can give rise to other modes of becoming and happening. It is about experimenting with other languages to make other ways of existing. To become Nobody as the diverse and multiple to say of language-event. To upset the self in the conquest of onomatopoeia!

Keywords: Becoming what one is; Formation; Subject.

Resumen: El reverso de la identidad es Nadie. Una paradoja presente en Ulises, afirmada por Narciso y enfrentada por Kafka. En la tradición, el Nadie aparece como un límite, la frontera de lo imposible del lenguaje. Sin embargo, ¿cómo afirmar a Nadie más allá del Quién, más allá del Yo y sus validez? La identidad como afirmación de la tradición entonada en el lenguaje de un cuerpo que dice yo. Persistencia de un Alguien, como rostro de Nadie. Por otro lado, las desconstrucciones en presencia del nihilismo pueden dar lugar a otros modos de devenir y acontecer. Se trata de experimentar con otros idiomas para hacer otras formas de existir. Convertirse en Nadie como lo diverso y múltiple decir del lenguaje-acontecimiento. ¿Trastornar el yo en la conquista de la onomatopeya!

Palabras clave: Convertirte en lo que eres; Adiestramiento; Asunto.

1 Universidade Federal de Juiz de Fora

2 IF Sudeste de MG – Juiz de Fora

Introdução

“Como alguém se torna o que é?”
Nietzsche, 2008.

O reverso da identidade é Ninguém? Paradoxo presente em Ulisses, superado por Narciso? Persistente em Kafka? Rotulado em Babel na desordem da linguagem. Presente aos povos originários na proposição de modos outros de existir, em confronto com a forma Quem do ocidental. Em Darcy Ribeiro (1995) surge como destino do Brasil, como conquista de um povo em devir. Na tradição, figura Ninguém como um limite, um fora, na fronteira do impossível da língua, como face do negativo, como realização máxima da aniquilação, sinônimo para *trapo humano...* ou como resultado da produção da subjetividade no modo de produção capitalista, na hegemonia contemporânea do neoliberalismo. Porém, como afirmar Ninguém?! Como afirmar Ninguém para além do Quem, para além do Eu e suas vigências? Ninguém figuraria como anterioridade imanente e persistente, resistente à forma, persistente em variação e multiplicidade? Resistente aos processos violentos de colonização, nas miragens de civilizar os corpos que emergem e brotam no acontecer afirmativo das vidas e das potências. Lançado no entre, círculo sem centro, anomalia, no desafio permanente, em experimentação - eis o desafio do pensar e tornar-se Ninguém. Um entre alguém e nada. Por outro lado, a identidade como jogo de máscaras, na luta pela afirmação da tradição entonada e requisitada na língua de um corpo que diz eu, que exige eu, que se impõe como sendo x, y ou z, na persistência de quem para um alguém. Exigências que expõem a composição com os discursos e práticas que vigem e consolidam um tecido em um *socius*, em um modo de ser dado ao pertencimento, de traduzir a diferença em uma consciência moral específica, de torná-la instrumento para utilização, como meio para um fim.

Na caverna de Ciclope, Ulisses torna-se Ninguém. Saudoso de sua terra natal, o astuto guerreiro embriaga a fera.

- Caro Ciclope. Queres saber meu nome? [...] Ninguém é meu nome.
- Meu caro *Ninguém*, serás comido por último. (Homero, 2007, p. 135).

O pertencer da identidade supõe tornar-se de modo a ser reconhecido na vigência de uma tradição, na exigência da persistência de um prolongado e violento passado, em um modo de estar à mão traduzido nas exigências de participar em uma comunidade de signos. Ao dizer Eu, um conjunto de forças, significações e subjetivações conjugam-se em uma cena

configuradora de pertencimentos – eu, rosto e nome. Por outro lado, as desconstruções consubstanciadas na vigência do niilismo podem suscitar outras auroras, modos outros de agenciar com o devir do acontecer. Trata-se de experimentar modos outros de linguagem para tornar possível modos outros de existir. Tornar-se Ninguém como o primeiro e último, diverso e múltiplo a dizer junto ao corpo-língua-acontecimento: eis o experimento, eis a tentação. Transtornar o eu e o quem na conquista da onomatopeia. A persistência no ruído poderia convocar Ninguém na sua emergência? A elaboração do som e seus sentidos não revelaria o operar de um Quem, de um afastar da potência das forças lançadas na produção do ruído, na duração do transtornar?

Ninguém enfrenta Quem

*Belzebu: Põe ai mui declarado, não te fique no tinteiro:
Todo o Mundo é lisonjeiro, e Ninguém desenganado
(Gil Vicente, 1981)*

Ninguém, puro efeito de linguagem ou do desdobramento de um modo de ser da gramática?

Ou,

Ninguém como expressão da ausência, como contrário do quem, como negação do eu e do sujeito?

Ou,

Ninguém como mera oposição, como uma das faces da negatividade, no mero jogo lógico de $a = a$, logo b não é c ?

Ou,

Ninguém como o télos que anularia o quem, índice de barbárie ou processo de anulação da forma e do tipo?

Porém,

Pode-se anular Ninguém? Pode-se oferecer Ninguém como resíduo de um Quem, como falência de um Quem?

Ou,

Ninguém flertaria com a fresta, na aurora de outros modos de multiplicar e variar na duração?

Pois, quando ocorre Ninguém, o que há? Quem pode se tornar Ninguém? Ou Ninguém seria um outro sem equivalência, um anômalo? Por onde anda Ninguém? Ninguém anda, fala

e come? Ninguém compõe real? Ninguém sonha? Onde habita Ninguém? Quando há Ninguém o que há? Ninguém produz real? Ou Ninguém seria apenas máscara, mais uma máscara, efeitos de superfícies. Eis o desafio e a meta... O que pode Ninguém quando Ninguém se projeta no terreno do pensar?

[...] menino, aluno de escola pública, procura seu professor de matemática preocupado em não ser ninguém na vida. Precisava aprender a fazer contas. E, no meio do caminho, tantas pedras impediam o menino. A escola não conseguia se fazer escola em meio ao caos instalado pela Pandemia Covid-19. Faltas, como ausências. O professor estava distante, a sala de aula mudara-se para a casa. A mãe não sabia como auxiliá-lo nos conteúdos escolares que chegavam via Zap, ou e-mail ou ou... Os esforços de todos eram enormes, mas as pedras se multiplicavam; pedregulhos no caminho dos meninos e das meninas. Temia ser ninguém na vida. Um ninguém que se apresenta como falta de lugar social, falta de voz, falta de dinheiro, faltas... (Leite, 2022, p. 68)

Comum é pensar e dizer que o Ninguém é a anulação do quem. Um quem que deixou de ser, tonar-se Ninguém... Em rosto e voz pálidas, murmurantes, nas esquinas e desconfianças, em trapos, nas vias e ruelas, debaixo das pontes, nas ruelas e becos, a luz do dia, corpo opaco desliza no vazio... Quando um Quem colapsa, emerge Ninguém. Mero trapo, farrapos... Corpo adoecido em desfalecimento... Nesse modo, Ninguém seria a desistência de Quem.

Hiato entre algo e coisa alguma.

Menino temia ser ninguém. Um ninguém que se apresenta como falta de lugar social, falta de voz, falta de dinheiro, faltas... (Leite, 2024, p. 168).

Momento de passagem entre dois abismos. Outro modo de tomar Ninguém reside na constatação da impessoalidade, na hegemonia possível de colapsar do ser-próprio na publicidade atrelada à visão de mundo reinante, circunscrita à circunvisão na qual propagam a falação, a curiosidade e a ambiguidade. Uma das propriedades da existência na sua impropriedade.

Por outro lado, como face entorpecida do Quem, figura a identidade. Fuga do Ninguém, misto de tradição e persistência em um modo de reivindicação de permanência e sentido do mesmo. Afinal, o desejo de identidade, por mais que possamos reconhecer algum ganho tático para a afirmação de modos outros e vários de existir, corre o risco de fazer prevalecer tiranicamente o mesmo da forma e sua manutenção proibitiva, como efeito moral da

persistência do mesmo. No limite das exigências e reivindicações de vigência de uma forma. Afinal, deseja-se a identidade, deseja-se manter um quem como destino e fim. Na fronteira da identidade reside a risada olímpica de Ninguém!

Nesses modos, compreensões persistentes da anulação da potência de Ninguém. Ninguém como mera oposição, como figura do lógico, como império do impessoal, como destino e ou enfretamento na composição e superação em uma identidade.

As causas imaginárias

As reproduções em torno do ensinar garantem a hegemonia da prática das oposições e modelagem... alguém versus ninguém! Com fins específicos, meticulosamente... a maquinaria da civilização põe-se em movimento na perpetuação de suas condições... Em algum lugar, a reprodução do mesmo, as pretensões do mesmo.

Leite, 2016, p. 82

Na apresentação dos erros capitais da racionalidade e moralidade ocidentais, Nietzsche (1998) indica a persistência da produção de causas imaginárias. No itinerário da fabricação das causas, uma sequência de máscaras e necessidades se apresentam.

Primeiro engano, nascido da superação do medo do desconhecido e a dor que lhe é subjacente, tem-se a produção da vontade, como signo da imputação da moralidade sacerdotal. Afinal, se existem vontades, as mesmas são livres, se livres podem ser punidas e, culpados, podem ser construídos para a oferta de sacrifícios. Afinal, a transfiguração da inocência do devir em culpa faz parte do projeto de produzir corpos adoecidos, ressentidos em serem suas possibilidades modos de habitar a facticidade e fatalidade do todo. A suposição da liberdade da vontade acena-se na semiótica que pretende produzir culpados e castigos.

Um passo seguinte na imposição de causas foi a produção do mundo interno, como sede em uma alma, expressa como espíritos e vozes e mundos interiores, como consciência de si e de suas intenções.

O passo derradeiro, conquistado na modernidade, figura na proposição da ideia de um EU. Derivado da atividade de colocar em movimento o pensar do pensamento. Desse modo, vontade, espírito e eu seriam os fatos morais a partir dos quais o conceito de coisa, na sua identidade, faria figurar o quem como produtor de si e do real, na distinção entre o sujeito e o objeto. A impossibilidade de Ninguém residiria na constatação de que a sua afirmação colocaria em questão a possibilidade de se construir uma noção de realidade e seu apaziguamento diante

dos estranhamentos presentes à imanência e suas variações múltiplas. A ideia de quem figuraria como o antídoto diante da dor e sofrimento contidos na fruição do devir e sua inocência. A equação Sujeito = quem = realidade = tranquilidade e conservação seria a condição para o apaziguamento diante da ação das forças e seu desconhecido e fatal modo de atuação, como expressão da hierarquização imanente ao modo de se dar das atuações e reivindicações de poder. A luta contra Ninguém figuraria como um modo de afastar a dor ao compreender a atuação das forças como o fato fundante do existir. Flertar com Ninguém é um risco, demasiado ao humano na produção de um *socius*. Vale lembrar que a trajetória de Ulisses sinaliza essa disputa diante da necessidade ocidental de superar as insinuações dos sentidos e suas variações. Amarrar, conter, amordaçar eis a estratégia de contenção.

No limite, tornar doente a vida que arrisca afirmar variação anômala.

A transfiguração no ruído: ruído, desconforto, som: apaziguamento.

Um dos procedimentos operados por Nietzsche (1998) na construção da genealogia das forças e sua semiotização nos corpos é a proposta da inferência regressiva como método para aferir a qualidade da valoração. Parte-se de dados de realidade, efeitos do mundo interior e ou exterior, para a constatação das forças e suas atuações. A imanência ao campo das forças projeta-se como um critério para avaliar o valor dos valores, ou as condições para a produção de um determinado padrão de realidade. O perspectivismo avança na mesma linha, pois trata-se de compreender que as condições de emergência são sintomas de vida ascendente ou declinante.

Neste experimento de pensamento, no enfrentamento com o ruído, soam as condições da emergência valorativa.

Na duração do ruído... Enfrenta-se. O conceito de ruído supõe o de desordem, que supõe o de desconforto e desconhecido. Desconforto e desconhecido trazem consigo o de risco e fim. Desconforto e desconhecido fundam-se na impermanência, na transitoriedade de uma duração em permanente afirmação da sua diferença, diferindo, afirmando-se enquanto atua. A cada instante um modo *outro e mesmo* de afirmar a atuação. Tomar como ruído, supõe que o ruído seja uma falha, um erro, a espera da composição em uma harmonia. Organizar o ruído em harmonia supõe uma posição anterior... Porém, entre a posição de supor o ruído a ser organizado como ruído há a produção do que se dá na duração...

Na duração habita Ninguém.

Ninguém é o modo de durar da duração. Quem, perspectiva ruído, som e harmonia. Ninguém é efeito da experimentação. A experimentação como um modo de atuar onde há Ninguém.

O afeto do desconforto supõe a elaboração prévia da ideia do confortável. Organização prévia na qual projeta-se a noção de ausência, de falta na aparição emergente. Esconde um tácito, um horizonte de possibilidade e arranjo. Instante de ausência de saber. Saber como um modo de organizar prévio, no qual nasce o sentido para a emergência. Há a emergência e um sentido que lhe é posterior. Mas quando da duração do imergir da emergência, o que há? A emergência atua afirmando as suas condições de efetuação. Antes da suposição do ruído emerge a emergência, duração anterior a coisa. Vigência de Ninguém?!

A onomatopeia e suas implicações.

Se uma árvore cai na floresta e Ninguém está lá para ver, haverá algum barulho?

Annnn Annnn Annnn Piupiupiu Piupiupiu Piupiupiu Bang bang Miau, Au au, Baaa, Muuu, Quack quack, Cócócó, Zzzz, Rrrr, Bang!, Ploof!, Vrum!, Bang bang, Zzip!, Beep beep!, Splash!, Tique-taque, Ratchet!, Tap, Toc, Puf, Pum, Zum, Zup, Bip, Bum Miau, Au au, Baaa, Muuu, Quack quack, Cócócó, Zzzz, Rrrr, Bang!, Ploof!, Vrum!, Zzip!, Beep beep!, Splash!, Tique-taque, Ratchet!, Tap, Toc, Puf, Pum, Zum, Zup, Bip, Bum, Boom, Crack, Pop, Psiu, Rá-tá-tá, Tchan, Tchou, Tchibum, Uau, Vuuuu, Xiu, Zip, Zob. miau, Au au, Baaa, Muuu, Bang bang, Quack quack, Cócócó, Zzzz, Rrrr, Bang!, Ploof!, Vrum!, Zzip!, Beep beep!, Splash!, Tique-taque, Ratchet!, Tap, Toc, Puf, Pum, Zum, Zup, Bip, Bum, Boom, Crack, Pop, Psiu, Rá-tá-tá, Tchan, Tchou, Tchibum, Uau, Vuuuu, Xiu, Zip, Zob, Tsss, Fssss, Glub, Bang bang Glup, Chof, Chuf, Duk, Dunk, Fuk, Paf, Pam, Pim, Pum, Rimb, Tintim, Trá-trá-trá, Zás, Zin, Zon, Zur Annnn Annnn Annnn Raann Raann Annnn Annnn Raannn Raannn Piupiupiu Piupiupiu Piupiupiu Raann Raann Piupiupiu Piupiupiu Piupiupiu Bip, Bum, Boom, Crack, Pop, Psiu, Rá-tá-tá, Tchan, Tchou, Tchibum, Uau, Vuuuu, Xiu, Zip, Zob. miau, Au au, Baaa, Muuu, Quack quack, Cócócó, Zzzz, Rrrr, Bang!, Ploof!, Vrum!, Zzip!, Beep beep!, Splash!, Tique-taque, Ratchet!, Tap, Toc, Puf, Pum, Zum, Zup, Bip, Bum, Bang bang, Boom, Crack, Pop, Psiu, Bang bang, Papapa Boom, Crack, Pop, Psiu, Rá-tá-tá, Tchan, Tchou, Tchibum, Uau, Vuuuu, Xiu, Zip, Zob, Tsss, Fssss, Glub, Glup, Chof, Chuf, Duk, Dunk, Fuk, Paf, Pam, Pim, Pum, Rimb, Tintim, Trá-trá-trá, Zás, Zin Papapa Papapa Piupiupiu Piupiupiu Bip, Bum, Boom, Crack, Pop, Psiu, Rá-tá-tá, Tchan, Tchou, Tchibum, Uau, Vuuuu, Xiu, Zip, Zob. miau, Au au, Baaa, Muuu,

Filosofia (PUC-RJ), graduado em Filosofia (Universidade Federal de Juiz de Fora). Professor Adjunto D4/4 do IFSUDESTEMG, campus Juiz de Fora.
E-mail: marcos.leite@ifsudestemg.edu.br

Recebido em: 18 de fevereiro de 2025

Aprovado em: 21 de abril de 2025